



Colóquio de Outono

Estudos de tradução · Estudos pós-coloniais

Organização de
Ana Gabriela Macedo
Maria Eduarda Keating

Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

Cartografias pós-coloniais: mapas teóricos para uma investigação nómada

JOANA PASSOS

Bolseira FCT / Universidade do Minho

1. Definição de um campo de estudos

O conceito de «literatura pós-colonial» foi criado no ocidente, mais especificamente nas academias anglo-americanas, evoluindo a partir do estudo das literaturas da «Commonwealth» (King, 1980; Moore-Gilbert, 1997; Ashcroft, Griffiths and Tiffin 1998). Hoje em dia este conceito é usado internacionalmente, e designa não só uma série de literaturas nacionais/regionais ¹, mas invoca também um discurso teórico próprio, que se tem desenvolvido em função da recepção destas mesmas literaturas.

Recordemos que vários dos territórios colonizados durante o projecto de expansão europeia tinham uma antiga literatura escrita (como a Índia), ou uma rica tradição de literatura oral ² (em vários países de África por exemplo). Mas as suas literaturas modernas nasceram durante o colonialismo, inicialmente, como uma imitação da cultura colonizadora, e gradualmente, como uma forma de resistir a esta influência. Assim se consolidou um sistema literário moderno, com uma identidade própria, tanto mais distintiva e consolidada

¹ Uma nação pode ter vários sistemas literários em diferentes línguas como é o caso da Índia e de várias nações africanas que têm uma literatura em inglês ou francês, para além da literatura em árabe ou numa outra língua africana.

² As literaturas orais têm sido até agora objecto de estudos sociológicos e antropológicos. Ainda falta fazer um trabalho de investigação literária propriamente dita, analisando as narrativas orais do ponto de vista estético.

quanto se rompia o cordão umbilical que a unia a uma modernidade ocidental. Ao procurar expressar as realidades locais, seus dilemas e aspirações, as emergentes literaturas pós-coloniais traduziram outras formas de viver a época moderna, e assim contribuíram para a definição de um sentido de identidade nacional, promovendo, senão provocando, o processo de descolonização. A designação «pós-colonial» invoca portanto o momento fundador da luta pela independência, sublinhando as práticas de resistência e auto-afirmação que subjazem ao nascimento destas literaturas. É, antes de mais, um conceito ideológico, que expressa uma nova consciência política, uma nova noção de identidade colectiva para fazer frente ao colonizador. Não se negará que a expressão «pós-colonial», pode, no sentido mais geral, ser tomada como uma designação cronológica, reportando-se aos séculos XIX e XX, que, com variações caso a caso, é o período das descolonizações e da afirmação destas literaturas. Mas os percursores de uma consciência pós-colonial escrevem antes do momento da independência. Logo o que distingue literatura colonial de literatura pós-colonial é uma questão de perspectiva, de consciência filosófica e política. Daí que, embora o momento fundador esteja ultrapassado no tempo, o conceito de literatura pós-colonial não se circunscreve ao momento de descolonização e mantém toda a sua actualidade. Ao falarmos de «pós-colonial» falamos de renovação crítica, de internacionalização e de uma série de compromissos ideológicos que estão para além de um dado momento cronológico.

Por outro lado, de geração para geração e através das várias geografias, tem-se verificado que subsiste uma certa continuidade temática em torno de questões como a resistência à colonização ocidental (hoje em dia transposta para a resistência à globalização enquanto projecto com intuítos neo-coloniais), reflexão sobre a definição/indefinição de identidades colectivas (nacionais, regionais, étnicas), e a recuperação/auto-afirmação de heranças culturais locais. Estas cumplidades temáticas e ideológicas são fulcrais na prática da crítica pós-colonial, que procura precisamente fazer mapas destas contaminações e afinidades, embora, e sempre, reconhecendo a especificidade de cada caso geo-cultural, com a sua história e heranças culturais específicas. Por isso a teoria pós-colonial não fala de classificações nem de tipologias mas de «linhas de leitura», de «mapas» de «cartografias», vocábulos felizes para nos recordar a diversidade das literaturas pós-coloniais e a constante necessidade de nos readaptarmos a novos contextos culturais para abordar tais objectos de estudo.

Isto não quer dizer que todos os autores chamados «pós-coloniais» aceitem este rótulo, nem quer dizer com certeza que não exista uma grande polémica em torno da definição do que são os estudos pós-coloniais, que questões abrangem e que vantagens advêm de classificar desta forma o estudo de determinadas literaturas. Tentemos fazer um ponto da situação.

2. O impacto das literaturas pós-coloniais no ocidente e a criação de um debate teórico em torno da sua recepção

Desde os anos sessenta, os estudos pós-coloniais têm vindo a desenvolver conceitos e teorias para responder a uma crescente internacionalização dos produtos culturais de países que haviam sido colónias europeias, e cuja independência, para além de ser um acto político, também marca a reafirmação de uma identidade cultural autónoma. Isto quer dizer que, em primeiro lugar, os estudos pós-coloniais se definiram em função de um diálogo crítico internacional provocado pela recepção da produção literária e artística das ex-colónias e o seu crescente impacto no mundo ocidental.

Como outros discursos teóricos, o desenvolvimento das teorias relativas ao estudo de literaturas pós-coloniais, tem procurado criar uma base comum para um diálogo crítico, mais rigoroso e fluente. No caso das literaturas pós-coloniais, verificou-se que sem uma maior fluência na capacidade de tradução cultural não poderia haver rigor na recepção de literaturas formadas a partir de tradições filosóficas e referências civilizacionais diversas. Se aceitarmos uma viagem intelectual através de diferentes espaços geo-culturais, que é o que a recepção das literaturas pós-coloniais propõe, então será necessário abdicarmos de preconceitos eurocêntricos como aqueles que regiam uma visão colonial do mundo. No momento pós-colonial (em termos não só cronológicos mas sobretudo ideológicos), a procura de perspectivas críticas mais «nómadas»³ e flexíveis tem por objectivo otimizar os

³ «Nómada» e «Nomadismo» são dois conceitos desenvolvidos dentro da área de estudos feministas pela professora Rosi Braidotti, que por sua vez se inspirou nos textos do filósofo francês Gilles Deleuze. Segundo Rosi Braidotti, nomadismo é uma posição teórica, uma perspectiva específica, a partir da qual se desenvolve um raciocínio que se assume como politicamente sensível e contextualizado em termos históricos. Para melhor analisarmos e compreendermos o que está em jogo numa determinada conjuntura deveríamos tornarmo-nos mais abertos a diferentes pontos de vista, procurando

encontros entre públicos e autores a um nível internacional, fazendo circular informações relativas a contextos locais e procurando incutir no público/críticos a consciência da necessidade de ser poliglota, neste caso não (só) em termos linguísticos, mas a nível da recepção de diferentes estéticas e das constelações filosóficas e ideológicas que as moldam. Esta poliglossia cultural implica, em primeiro lugar, desconstruir o discurso colonial e transcendê-lo.

Transcender uma visão colonial significou, nos anos sessenta, abdicar de um princípio comparativo segundo o qual as literaturas europeias assumiam um papel de modelo, de ideal exemplar. Dentro de uma lógica colonial, moldada por uma visão despótica e abusiva, as literaturas e artes das civilizações oprimidas eram diminuídas e deformadas (Said, 1985; Loomba, 1998). Valorizava-se apenas a assimilação cultural, isto é, a cópia da cultura ocidental, mas, como disseram Susan Bassnett e Harish Trivedi (1999: 124), imitar as tendências literárias europeias significava nunca estar à altura do original. Isto quer dizer que ao valorizar apenas a imitação, o discurso crítico colonial deferia, indefinidamente, o momento de reconhecer valor às culturas oprimidas, justificando a ocupação de outros territórios e a exploração dos seus povos como uma missão civilizadora/evangelizadora.

Os estudos pós-coloniais definem-se para além de uma tradição crítica eurocêntrica, contribuindo para a revisão de hábitos mentais coloniais e racistas. Ao corrigir a perspectiva parcial e destrutiva que presidia à recepção das culturas das civilizações colonizadas, as teorias pós-coloniais promovem o reconhecimento do legítimo contributo de sociedades africanas, asiáticas e sul-americanas para a herança cultural da humanidade. Será uma questão de justiça, mas também de enriquecimento intelectual global, na medida em que tal perspectiva

novos padrões de raciocínio, desenvolvendo assim uma percepção flexível e dialogante, por oposição ao pensamento digital, monológico, euro-falocêntrico. O nómada, está em casa em território instável, móvel. Daí usar-se esta imagem para inspirar o crítico que consegue mover-se entre doutrinas e ideologias, seleccionando o que é relevante para responder a um desafio/objecto de estudo concreto. Eticamente responsável, mas rejeitando qualquer forma de essencialismo, o nómada tem uma compreensão culturalmente diferenciada do contexto em que se move. O pensamento nómada mantém sempre uma margem subversiva resistindo a conformismos, convenções e ideias feitas. Braidotti, Rosi, 1994, *Nomadic Subjects*, New York, Columbia University Press: 1-39; Deleuze, Gilles and Felix Guattari, 1980, *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie*, Paris, Minuit; Deleuze, Gille, 1973, «La Pensée Nomade» in *Nietzsche Aujourd'hui*, Paris, Union Générale d'Édition.

crítica incentiva-nos a tornarmo-nos fluentes numa série alternativa de referências filosóficas, ideológicas e estéticas. Concluindo, o crítico pós-colonial não é um turista (mero «voyeur», superficial e descomprometido), nem um informador (no sentido dos estudos antropológicos, em que o tradutor nativo/escritor/crítico especializado oferece ao olhar ocidental a «explicação» de uma outra cultura). O tipo de crítico que os estudos pós-coloniais tendem a desenvolver é um nómada poliglota, leitor multifacetado e eticamente responsável, sensível à variedade dos contextos geo-culturais e às circunstâncias históricas e sócio-políticas que os determinam.

Na conjuntura actual, no momento em que as nações-estado enquanto agentes colonizadores foram substituídas por empresas internacionais na liderança dos projectos neo-coloniais, e perante um capitalismo global que penetra em todos os recantos do mundo, compreender as literaturas e produtos culturais pós-coloniais implica, portanto, abdicar da lógica imperial que apenas reconhece como objecto de recepção crítica, enfim, de conhecimento, a assimilação das suas próprias referências, num infinito jogo de espelhos. Também não é a procura do exótico, do étnico ou do genuíno que nos vai permitir compreender qualquer realidade local com que nos confrontemos. Num mundo globalizado, os únicos elementos culturais genuínos são, como diria Arif Dirlik (2000), os filhos miscigenados da «glocalização», i. e., a adaptação local de influências internacionais, lado a lado com a recuperação de heranças culturais locais, gerando práticas culturais híbridas. Ao reconhecer a duplicidade ambígua dos elementos locais e cosmopolitas que co-existem nos produtos culturais híbridos, e a forma culturalmente diferenciada como o local e o global se combinam, o nosso crítico nómada procura compreender adequadamente o contexto e objectivos de um dado texto, objecto de arte ou actuação/representação, caminhando ao encontro do que há de novo e inesperado, ao mesmo tempo que reconhece o que foi importado de outras viagens, que ele também já fez.

3. Literatura nacional/literatura pós-colonial

Até aqui, falei do discurso crítico do ocidente sobre literaturas nacionais que não são as suas. Mais uma vez, a minha voz, treinada em universidades europeias, cumpriu a lógica eurocêntrica de nos fascinarmos com os discursos que criamos para compreender «o outro», sem ouvir o «outro» porque falamos por ele. Acontece que o advento

das literaturas pós-coloniais é a história da auto-afirmação de vozes que haviam sido silenciadas, tidas por primitivas, decadentes ou provincianas. E o que dizem essas vozes desta recepção no ocidente, e porque aceitaria um dado autor o rótulo «pós-colonial»?

É verdade que o termo «pós-colonial» invoca um período histórico problemático para a maior parte das culturas assim denominadas, mas a tónica na expressão «pós-colonial» incide no prefixo «pós», com os sentidos de «depois de» ou «para além de»⁴. Para o ocidente, como vimos, o «pós» significou uma revisão de critérios. Do ponto de vista das novas literaturas que se internacionalizaram como «pós-coloniais», o que se afirma no «pós», «para além do» mundo colonial é a sua identidade autónoma, a validade do universo cultural que representam e a desconstrução do discurso colonial. Qualquer uma destas vertentes tem várias ramificações vitais.

Em primeiro lugar, o discurso pós-colonial permitiu às sociedades que se tornaram independentes encontrar os termos para nomear, analisar e exorcizar o abuso de que foram vítimas. Neste processo, ao identificar a agressividade da presença europeia e dos seus discursos humilhantes e inibidores, intelectuais e artistas criaram o espaço conceptual para afirmar uma identidade positiva (africana, asiática, sul-americana) e contrariar a assimilação do discurso colonial. Como disse Franz Fanon (1971 [1952]), enquanto uma pessoa de cor aspira a ser branca, a sua noção de identidade está em fuga em relação a si própria, dependente do olhar de um «outro» de quem se espera uma validação. O discurso pós-colonial vem denunciar as intenções predadoras por detrás de ideologias racistas, anulando a sua credibilidade. Tem assim, uma função construtiva e apaziguadora.

Em segundo lugar, ao analisar a ocupação colonial, seus discursos e ideologias, torna-se possível diagnosticar os efeitos marginalizantes e inibidores da influência europeia, e constroem-se assim os fundamentos para uma arqueologia dos elementos das culturas locais que foram destruídos ou desfigurados. A consolidação de diversas

⁴ O prefixo «pós», tal como defende Lyotard, sugere uma sucessão, o que vem depois de alguma coisa. Mas para haver uma sucessão, algo tem de mudar, e ser reconhecido como «novo» ou «diferente». O advento do novo implica por definição que alguma coisa ficou para trás, e que é possível analisar essa rotura, interrupção ou descontinuidade através de uma distância conceptual que já nos permite pensar «para além de», «depois» do que já foi. Lyotard, Jean-François, (1993), «Note on the Meaning of 'Post'», in *Postmodernism, a Reader*, Docherty, Thomas (ed.), New York, Columbia University Press.

literaturas nacionais, assumindo a consciência da sua pós-colonialidade, retoma a procura de uma herança cultural pré-colonial, recuperando-a ou reinventando-a a partir das referências que possam ter ficado para trás. Trata-se neste caso de um trabalho de recolha, compilação e revitalização tão urgente como fundamental.

Simultaneamente, perante o crescimento tentacular da globalização, a memória de práticas de resistência à influência ocidental ganhou um novo valor estratégico, a nível intra-nacional e internacional. Para uma sociedade pós-colonial, uma das mais eficazes formas de resistência a uma excessiva influência externa é a consolidação e auto-afirmação internas. Neste caso, referimo-nos ao contributo da literatura para promover a identificação individual com formas de identidade colectiva. Mesmo quando um dado texto destabiliza conformismos ou problematiza alguns dos aspectos disfuncionais de uma dada sociedade, as literaturas pós-coloniais actuam como poderosas forças aglutinadoras. Ao tornar inteligível um contexto colectivo em torno de uma série de problemas individuais, o escritor está a criar tecido social, está a criar um contexto para interpretar histórias pessoais. A identificação do leitor com uma dada personagem e o contexto sócio-cultural que a rodeia pode constituir o primeiro passo para tomar consciência do que se quer mudar, que projectos são possíveis, que soluções se podem negociar.

Enquanto que a consolidação das literaturas pós-coloniais/nacionais é fundamental para afirmar identidades colectivas funcionais a um nível interno, a crítica pós-colonial tem-se revelado uma importante aliada da internacionalização, o que talvez explique a ampla aceitação desta área de estudos. Recordemos que as coordenadas de cada estudo concreto de uma dada literatura pós-colonial não se podem generalizar. Pelo contrário, são definidas caso a caso e implicam um estudo aprofundado de circunstâncias sócio-políticas locais, respectivas heranças culturais e sistema(s) literário(s). A vantagem de aceitar participar no diálogo crítico pós-colonial pode medir-se em termos da divulgação e internacionalização daquelas que, de outro modo, seriam histórias políticas, culturas e literaturas locais, isoladas e desconhecidas do resto do mundo. Dado que o reconhecimento internacional é um importante meio de auto-afirmação nacional/regional, é fácil de compreender a sua importância tanto em termos de consolidação interna como de resistência a uma massificação cultural global.

A criação de uma literatura nacional reconhecida internacionalmente tem ainda um importante papel na correcção do arquivo histó-

rico, renovando-o pela inserção do ponto de vista daqueles que foram oprimidos. Inscreve-se assim no imaginário colectivo ocidental a consciência do embaraçoso preço humano das muito promovidas histórias de glória e conquista. Só assim se equilibra uma base de diálogo através de uma memória histórica que implica ressentimentos.

Por fim, consideremos que, apesar de banais, as questões práticas têm a sua força. Para os autores das várias literaturas «pós-coloniais», a consolidação desta área de estudos é um rápido veículo para promover traduções para outras línguas (acedendo a um maior mercado de leitores) sem esquecer a possibilidade de institucionalização académica, concretamente em termos de inclusão em currículos e como objecto de recepção crítica.

Mas, «não há bela sem senão». Nem todos os aspectos das questões que aqui discutimos serão positivos. Vários autores vêm os estudos pós-coloniais com desconfiança, sublinhando que a poliglossia cultural que se tem estimulado no mundo ocidental, não será inocente, e poderá ter objectivos neo-coloniais. Em boa verdade, a melhor maneira de gerir crises é conhecer bem o seu contexto. Daí a importância do contributo público de autores mais pessimistas em relação aos estudos pós-coloniais tais como Aijaz Ahmad (1996: 276-291), Chandra Mohanty (1996: 172-197), Arif Dirlik (1996: 294-321) e Ngugi wa Thiong'o (1996: 435-453).

4. As Mãos dos Pretos

Para concluir, gostaria de analisar o pequeno conto *As Mãos dos Pretos*, do autor moçambicano Luís Bernardo Honwana⁵. Pretendo desta forma tornar mais concreta a relevância das teorias pós-coloniais como linhas de leitura para saborear os textos aos quais se adequam.

O que nos leva a pensar em termos de literatura pós-colonial quando lemos esta pequena narrativa são questões de conteúdo temático/ideológico, e, em contiguidade com o assunto do texto, o contexto histórico e político aqui representado. Honwana escreve sobre um momento da colonização africana, colonização esta que foi feita

⁵ Honwana, Luís Bernardo, «As Mãos dos Pretos», in *As Mãos dos Pretos, Antologia do Conto Moçambicano*, Saúte, Nelson (ed.), (2000), Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 181-184.

através de exércitos, instituições e comércio, mas também através de ideias que alimentaram este projecto, como é o caso de toda a constelação de preconceitos racistas que governava as relações entre colonizadores e colonizados. Embora o conto apenas tenha duas páginas, a profundidade e a eficácia de Honwana ao ilustrar a «aprendizagem do jovem colonizador» são impressionantes, não só pelo rigor e domínio dos recursos narrativos que assim se demonstra, mas também pelas questões mais vastas e complexas que assim são afloradas deixando ao leitor um convite à reflexão.

Todo o texto é narrado do ponto de vista de uma criança que, sendo confrontada com uma divisão social polarizada, entre brancos e pretos, fica surpreendido com o facto de os pretos terem as mãos brancas. Essa excepção na separação das duas categorias é tanto mais perturbadora quanto se adivinha a rígida nitidez com que a fronteira entre as duas raças é demarcada. Ao questionar vários adultos à sua volta, o jovem aprendiz de opressor é confrontado com diferentes explicações, vindas de três diferentes campos de referência. Em primeiro lugar, o texto refere a opinião do «Senhor Professor» (com letra grande, para mostrar respeito pela sua autoridade), o representante do saber e do conhecimento que diz que «as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas no chão, como os bichos do mato» (2000: 181). Esta animalização do povo colonizado é tanto mais perniciosa pela sugestão de diferentes teorias de evolução consoante as raças. No fundo, o que se ensina à criança é a pensar nos pretos como se eles fossem uns humanos numa fase mais atrasada de desenvolvimento, e por isso, mais próximos dos animais, o que torna lógico escravizá-los/domesticá-los. A apoiar o discurso individual do senhor professor existiria toda uma extensa bibliografia escrita durante o período colonial e servindo as ideologias hegemónicas da época. Por isso o texto refere a memória de um livro («um» de muitos possíveis) que explicava que as mãos dos pretos eram brancas por viverem dobrados a apanhar algodão, como se o duro trabalho físico fosse tão natural e adequado ao preto que até a sua biologia havia evoluído no sentido de se combinar com as actividades que lhes eram destinadas.

Mas outros discursos se combinam com o da «ciência», moldando a geração mais jovem para pensar dentro de determinados preconceitos que deformam a percepção do que devem ser as regras de convivência inter-racial. A não menos essencialista legitimação religiosa da inferioridade dos pretos aparece no discurso do «Senhor

Padre», do senhor Antunes da Coca-Cola e do Senhor Frias. Cada um deles, respectivamente, defende que as mãos dos pretos são brancas por andarem de «mãos postas, a rezar» (2000: 181) (note-se que assimilar a religião do colonizador é um processo de «branqueamento»), porque foram criados por Deus à pressa, sem um lugar decente para secar o seu barro (daí ficarem expostos ao fumo e em risco de cair, segurando-se com as mãos), ou ainda, porque sendo criados de madrugada, por sua própria culpa, não se lavaram decentemente no lago do céu que os branquearia (leia-se «purificaria»), vindo para o mundo de certa forma inacabados e poluídos.

Por fim, a perspectiva feminina, doméstica, verbalizada pela Dona Dores e pela Dona Estefânia, sublinha a mesma conotação de repulsa pela sujidade/poluição representada pelos pretos. Assim, Deus teria feito as mãos dos pretos brancas «para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões» (2000: 181).

A agressividade do colonizador é ridicularizada pelo facto de as explicações que as várias personagens oferecem serem obviamente falsas e irracionais. Desta forma, o texto subverte a ideologia que inscreve, e embora a sátira retire toda a credibilidade à ideologia colonial, mantém-se a seriedade da ofensa e a congruência dos diversos discursos que se combinam para «educar» o jovem colonizador.

A única excepção ao coro racista é a mãe do narrador que tenta reflectir sobre o significado das histórias que ensinam ao filho. Embora não encontre os termos para explicar a uma criança a complexidade da colonização como projecto de exploração, nem consiga imaginar alternativas à necessidade de haver pretos no mundo («Tinha de os haver, meu filho» – 2000: 183), a mãe consegue, apesar de tudo, tentar contrariar a ideologia das outras versões, sublinhando a humanidade de todos («o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens.» – 2000: 184). A voz maternal re-posiciona assim todas as outras explicações como formas de arrogância dos que «dão graças a Deus por não serem pretos» (2000: 184), denunciando o mito da superioridade branca como uma necessidade económica e política (que a mãe traduz pela força do hábito de contar com os pretos para servirem) alimentada por falta de lucidez, sentido de justiça e sensibilidade.

Bibliografia

- AHMAD, Aijaz (1996), «The Politics of Literary Postcoloniality», in Mongia, P. (ed.), *Contemporary Postcolonial Theory, a Reader*, London, Arnold.
- ASHCROFT, Griffiths and Tiffin (eds.) (1995), *The Postcolonial Studies Reader*, London, New York, Routledge.
- (eds.) (1998), *Key Concepts in Post-colonial Studies*, London and New York, Routledge.
- (eds.) (2001), *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-colonial Literatures*, London and New York, Routledge.
- BASSNETT, Susan; Trivedi, Harish (1999), «Of Colonies, Cannibals and Vernaculars», in *Post-colonial Translation, Theory and Practice*, New York, London, Routledge.
- BOEHMER, Elleke (1995), *Colonial and Postcolonial Literature*, Oxford University Press.
- BRAIDOTTI, Rosi (1994), *Nomadic Subjects*, New York, Columbia University Press.
- CHAMBERS IAN; Lidia Curti (eds.) (1996), *The Post-colonial Question, Common Skies, Divided Horizons*, Routledge, London, 1996.
- CHATTERJEE, Partha (1993) [1986], *Nationalist Thought and the Colonial World*, University of Minnesota Press, Minneapolis.
- DELEUZE, Gilles and Félix Guattari (1980), *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie*, Paris, Minuit; Deleuze, Gille, 1973, «La Pensée Nomade» in *Nietzsche Aujourd'hui*, Paris, Union Générale d'Édition.
- DIRLIK, Arif (2000) «Globalisation as the end and the Beginning of History: The Contradictory Implications of a New Paradigm», *Rethinking Marxism*, 12.4 (Winter 2000): 4-22.
- (1996), «The Postcolonial Aura: Third World Criticism in the Age of Global Capitalism», in Mongia, P. (ed.), *Contemporary Postcolonial Theory, a Reader*, London, Arnold.
- FANON, Franz, (1971) [1952], *Peau Noire, Masques Blancs*, Paris, Éditions du Seuil.
- FRANKENBERG, Ruth (1993), *White Race: Race Matters – The Social Construction of Whiteness*, London, Routledge.
- KING, Bruce (1980), *The New English Literatures – Cultural Nationalism in a Changing World Order*, New York, St. Martin' s Press.
- LIONNET, Françoise (1995), *Postcolonial Representations, Women, Literature, Identity*, Ithaca and London, Cornell University Press.
- (1993), *Postcolonial Conditions, Exiles, Migrations and Nomadism*, New Haven, Yale University Press.

- LOOMBA, Ania (1998), *Colonialism/Postcolonialism*, London, Routledge.
- LYOTARD, Jean-François, (1993), «Note on the Meaning of 'Post'», in *Postmodernism, a Reader*, Docherty, Thomas (ed.), New York, Columbia University Press.
- MOHANTY, Chandra Talpade (1996), «Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses», in Mongia, P. (ed.), *Contemporary Postcolonial Theory, a Reader*, London, Arnold.
- MOORE-GILBERT, Bart (1997), *Postcolonial Theory, Contexts, Practices, Politics*, London, Verso.
- SAID, Edward W. (1985), *Orientalism*, Penguin Books, Harmondsworth, Middlesex, Penguin Books.
- THIONG'O, Ngugi Wa (1994), «The African Writer and the English Language» in Williams, Patrick and Chrisman, Laura (eds.), *Colonial Discourse and Post-colonial Theory: a Reader*, New York, Harvester Wheatsheaf, pp. 435-453.